

ACERVO DE MIM MESMO: A CONTRIBUIÇÃO DO *SKETCHBOOK*

Gabrielle Maria Ferreira / PUC-Campinas

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade apresentar o *sketchbook* como ferramenta do processo criativo e a possibilidade de criação de um acervo de referências próprias. Através de pesquisa, leitura de textos, entrevistas com profissionais que já utilizam a ferramenta e experiências pessoais no meio acadêmico ao longo de cinco anos, foi possível perceber a potencialidade de se desenvolver um acervo próprio de referências, a fim de contribuir com a poética visual do artista, bem como perceber o desenvolvimento das questões visuais.

PALAVRAS-CHAVE

Sketchbook; processo criativo; poética visual.

O ato de rabiscar é uma forma de criação inerente ao ser humano. Podemos lembrar dos registros nas paredes das cavernas, os quais mostram que o homem sempre teve a necessidade de registrar, significar e guardar suas descobertas e sua percepção do mundo e do cotidiano, sendo que desenho e escrita sempre caminharam juntos ao longo da história da humanidade.

Os cadernos são uma boa companhia para aqueles que exercem algum tipo de atividade criativa (LOTMAN, 1978). Existem múltiplas formas de referir esses suportes: cadernos de viagem, de trabalho, de criação, cadernos gráficos, de artista, cadernos de rascunhos (*sketchbooks*), cadernos de ideias.

Apesar de sua função para registro verbal, o caderno também é uma possibilidade de registro visual. Eles transmitem intimidade para aqueles que os possuem e, se confeccionados manualmente por estes, esta sensação é possivelmente ampliada (GUARALDO, 2012, p.654).

O que caracteriza um caderno é sua função de suporte para o registro verbal ou visual de informações. É folheável, discreto, de pequeno formato e se fecha. Essa

natureza introvertida, portátil e ágil dos registros feitos em cadernos é, provavelmente, aquilo que mais desperta a atenção e interesse entre aqueles que se dedicam a confeccionar um caderno ou pesquisá-lo. É considerado um “ateliê de bolso” pelos artistas, um companheiro, pelos viajantes, ou um suporte para anotações, para qualquer estudante ou profissional.

É considerado um ateliê de bolso pelos artistas justamente por conseguir captar a personalidade de quem o possui.

A importância da prática do caderno de esboços é afirmada na história da arte quando observamos seu uso pelos artistas em diversos períodos, e segue sendo uma atividade fundamental nos dias de hoje, como abordado por Cecilia Salles (1998) em suas pesquisas e escritos.

O artista observa o mundo e recolhe aquilo que, por algum motivo, o interessa. Trata-se de um percurso sensível e epistemológico de coleta: o artista recolhe aquilo que de alguma maneira toca sua sensibilidade e porque quer conhecer.

[...] Em outros casos, é encontrada uma grande diversidade de instrumentos mediadores, como os cadernos de desenhos ou anotações, diários, notas avulsas para registrar essa coleta que pode incluir, por exemplo, frases entrecortadas ouvidas na rua, inscrições em muros, publicidade, fotos ou anotações de leitura de livros e jornais. Esse armazenamento parece ser importante, pois funciona como um potencial a ser, a qualquer momento, explorado; atua como uma memória para obras. (SALLES, 2008, p. 47)

Para o artista Renato Alarcão (2010), a prática do *sketchbook* é um tipo de autodescoberta nos processos criativos ou também chamado “Divã de bolso”. Ele diz que não se trata de modismo, trabalha melhor quem tem seus cadernos a postos para qualquer eventualidade, sem compromissos e sem regras: “Brincar nos cadernos é também um processo meditativo de reeducação do olhar de organização das ideias” (ALARCÃO, 2010, s.p.).

Esse fato é admirável, pois, em meio a um mundo de avanços tecnológicos, o interesse pelo potencial do caderno de esboço não foi deixado de lado (Figura 1).



Figura 1: Renato Alarcão. MUSSUM, Caderno de esboço. Fonte: <http://www.alarcao.com.br/>

A partir das considerações de Cecília Salles pode-se inferir que o caderno de esboço é um elemento importantíssimo para o entendimento e aprofundamento das proposições visuais dos artistas, uma vez que os pequenos detalhes que compõem uma poética estarão nele registrados.

Os documentos de processo, muitas vezes, preservam marcas da relação do ambiente que envolve os processos criativos e a obra em construção. Anotações e leituras de livros e jornais e observações sobre espetáculos assistidos ou exposições visitadas são exemplos dessa relação do artista com o mundo que o rodeia. São registros da inevitável imersão do artista no mundo que o envolve. Por meio dessas formas de retenção de dados, conhecemos, entre outras coisas, as questões que o preocupam e suas preferências estéticas. (SALLES, 1998, p. 37)

Do ponto de vista do artista, também podemos elencar as questões apontadas pelo mexicano Sebastián Romo, que em sua poética se vale incansavelmente dos cadernos e corrobora, assim como Salles, essa percepção:

A arte acontece no processo ou na obra terminada? Os cadernos são os verdadeiros contêineres dos processos, neles habitam as peças nunca realizadas, assim como as que nunca terão de ser; são o mapa do percurso e os eventos que fazem o trabalho; são o território de jogo, a irreflexão, a dúvida e o acerto. A memória do que permanece invisível. (ROMO, 2009).

O *sketchbook* permite a quem se apropria dele, com o tempo, o desenvolvimento de um grande “acervo de si mesmo”, sendo possível usá-los como fonte de inspiração e pesquisa, em trabalhos futuros. Dá a possibilidade de visitar uma antiga ideia, ou um esboço de algum projeto, algo que naquele momento não foi utilizado, mas num futuro poderá ser útil.

A ideia de um acervo que engloba a perspectiva de uma autorreferência na construção de um percurso iniciou-se com meu primeiro contato com *sketchbooks* em 2015, no curso técnico de comunicação visual. Uma das professoras, Patrícia Scalon, durante uma aula de História da Arte, nos perguntou que hábito tínhamos de registrar nossas ideias. Sempre tive bastante afeição por linguagens visuais, mas realmente não tinha um hábito de registro. Então ela mostrou seu *sketchbook* e como era o companheiro do dia a dia e um aliado na construção da própria poética. Meus olhos brilharam.

Então, construímos o nosso próprio, de maneira simples. Depois daquele momento, eu não parei mais de registrar todas as minhas ideias em um único lugar e esse hábito me acompanhou até mesmo depois do fim do curso, do ensino médio e da faculdade. Hoje, já são aproximadamente 20 *sketchbooks* (Figuras 2 e 3) feitos, comprados e ganhados, uma biblioteca de mim mesma. Um acervo de pesquisa das mais diferentes ideias que já permearam a minha cabeça, e que estão ali para serem usadas a qualquer momento.



Figura 2: Acervo de mim mesma. Fonte: Acervo pessoal



Figura 3: Acervo de mim mesma. Fonte: Acervo pessoal

Revisitar um *sketchbook* antigo é como me olhar no espelho e encontrar um eu de anos atrás. Nesse sentido, ideias que existiram e não foram usadas na época, podem ser resgatadas e reaproveitadas sob a perspectiva do meu eu agora.

A título de exemplo, cito meu projeto¹ intitulado “É difícil não sentir algo que está prestes a desabar” (2017). A ideia para o projeto surgiu de uma frase, fora de contexto, em um caderno antigo, que fazia referência à obra “Chão”², do artista brasileiro José Bento, e me chamou a atenção durante a 34ª Bienal (2016). Assim, após experienciar as sensações que a obra proporcionou, surgiu esse pensamento, que deu título ao projeto (Figura 4).

A partir dessa simples frase, questões começaram a aparecer, numa busca por falar das minhas próprias dores, na época, falar sobre as dores nas costas, nos ossos, que me davam sustentação (Figura 5).

¹ Projeto pessoal de desenho desenvolvido em 2017 para a disciplina de Desenho B, do curso de Artes Visuais da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Composto por uma série de nove desenhos em formato A3 feitos com carvão e um pequeno livro de esboços que acompanham os desenhos.

² <http://www.32bienal.org.br/pt/participants/o/2566>



Figura 4: Caderno de esboço, Título do projeto: “É difícil não sentir algo que está prestes a desabar”, 2017. Desenho a carvão sobre *canson* e papel *kraft*, montagem em formato concertina. Fonte: Acervo pessoal.

Para a artista Paula Almozara, o caderno de esboço também a auxilia exatamente nesse sentido:

Realizar um trabalho num formato de caderno ou de livro para mim foi determinante porque no caderno eu tenho toda uma linha, começo, meio e fim, que depois posso inclusive acessar aleatoriamente, então na organização da minha produção, eu sempre precisei deles para perceber os caminhos do que a imagem e do que o material estavam me pedindo, o caderno foi essencial nesse sentido. (ALMOZARA, 2020)

Não se trata de uma obrigação o fato de encontrar antigas ideias e reaproveitá-las, se trata da possibilidade de olhar uma ideia antiga sob um novo olhar e seguir na criação a partir dessa nova perspectiva.

Pude perceber com a evolução dos meus *sketchbooks* uma constante: Eu sempre busquei falar das minhas dores. E, a partir daí, outros projetos surgiram, muito além desse suporte, porém, que se iniciaram nele.

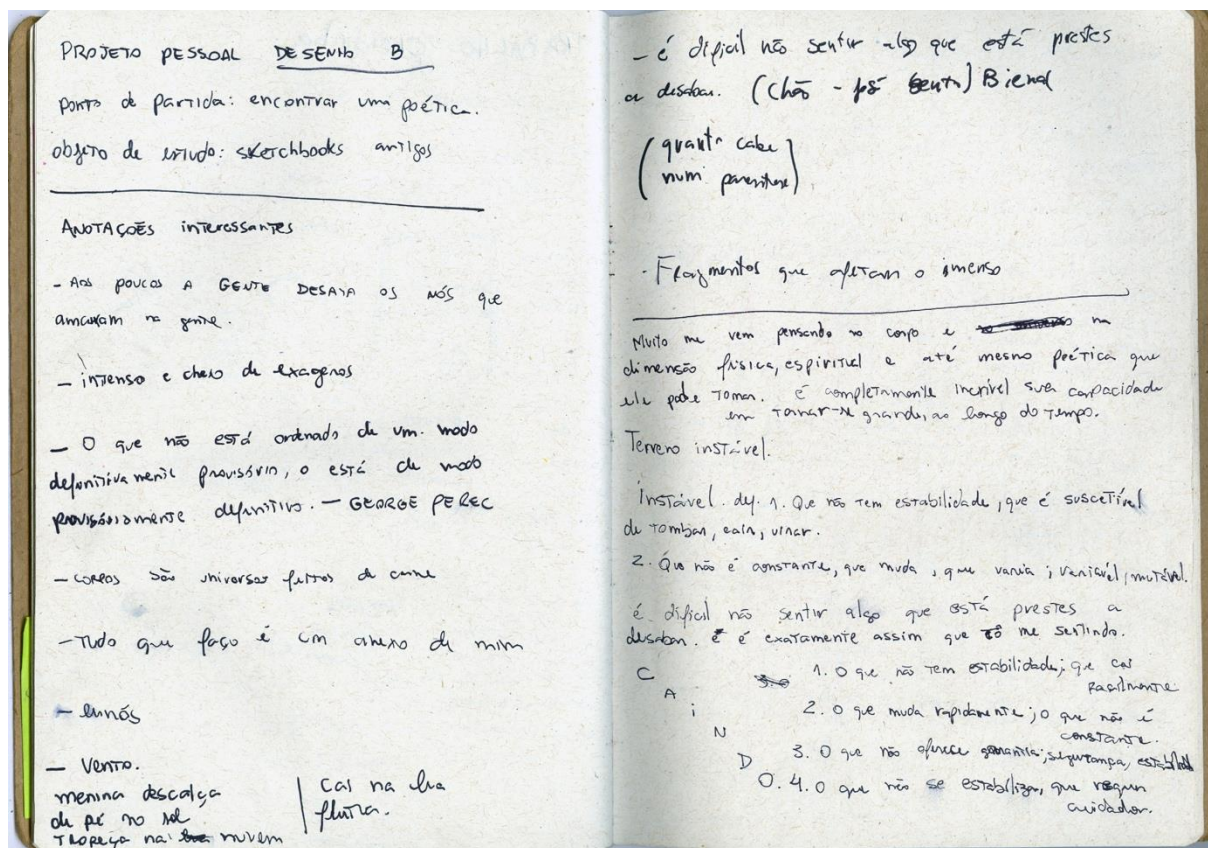


Figura 5: Anotações em sketchbook. Fonte: Acervo pessoal

Então se seguirmos essa linha de raciocínio, o acervo de si mesmo é um conceito extremamente aberto, com infinitas possibilidades. Diante desse desafio, saber por onde começar é fundamental para não cair no limbo do bloqueio criativo, já que, até que você faça uma escolha, existe uma infinidade de opções que podem ser boas ou ruins. "Todo caminho é o certo. Tudo poderia ter sido qualquer outra coisa e seria igualmente importante" nos diz Nemo Nobody durante o filme "Sr. Ninguém" (DORMAEL, 2009). Até que você comece a rabiscar algo, qualquer possibilidade que escolha tem o mesmo potencial.

Para Austin Kleon (2012), há alguns passos a se seguir para desenvolver seu processo criativo, sendo o primeiro deles aceitar que nada é original. "Arte é furto" Picasso (apud Kleon, s.p.). Você deve se perguntar como um artista olha para o mundo e, a partir daí, descobrir o que vale a pena "roubar" e o que não vale. O que temos que entender é que um trabalho não surge do nada. Todo trabalho criativo é construído sobre o que veio antes. Todo artista é um colecionador de referências, é

importante guardá-las para usar mais tarde: “Tudo o que precisa ser dito, já foi dito. Mas, já que ninguém estava ouvindo, é preciso dizer outra vez” (André Gide apud Kleon, 2012, p.16.).

Outro passo importante é não precisar saber quem você é para começar. Diante de todas essas possibilidades, não é necessário saber exatamente o que você quer ou quem quer ser em seu trabalho, só é preciso começar.

Ele também diz que é preciso sair da frente da tela. Vivemos na era do exagero de informação, um ótimo recurso, porém, essa busca é uma linha tênue entre pesquisa e procrastinação. No caderno de esboço as possibilidades são infinitas. Ainda citando Kleon (2012), o artista afirma que é importante não ficar limitado apenas ao mundo digital, uma vez que é um processo complexo, de diálogo entre os meios onde não há atalhos.

Não existe uma fórmula secreta de criação, é incrível justamente por isso, cada um desenvolverá o seu próprio, único. Cabe a você se apropriar do objeto e explorar as possibilidades: “é um pedaço de papel, mas também é uma proporção visível e tangível” (BRINGHURST, 2015).

Dessa maneira, o *sketchbook* é uma potente ferramenta do processo criativo, que pode ter muito mais funções do que já lhe é designado. Ele vai muito além de registrar ideias e projetos, tratando-se da possibilidade de criação de um acervo próprio, onde, de certa forma, você mesmo acaba se tornando sua própria referência, além de desenvolver sua poética visual. E o primeiro passo para iniciar o pensamento sobre isso é justamente este: começar. “Antes, ele era incapaz de fazer uma escolha porque não sabia o que ia acontecer. Agora que sabe o que vai acontecer, não consegue fazer uma escolha.” (DORMAEL, 2009) O desenvolvimento do processo criativo é algo mutável, a ser desenvolvido por toda a vida, basta começar. E os sketchbooks são ferramentas importantes nesse sentido, em especial para os artistas em formação.

Referências

ALMOZARA, Paula; **Depoimento** (abr, 2020). Áudio (33 min e 8 seg). Entrevistador: Gabrielle Maria. Campinas, 2020.

ALARCÃO, Renato. “Autodescoberta nos processos artísticos em cadernos ou ‘o divã de bolso’”. in: ALMEIDA, Cezar de; BASSETTO, Roger; WATSON, Charles. **Sketchbooks: as**

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

páginas desconhecidas do processo criativo. São Paulo, SP: IPSIS, 2010. 1v (não paginado) ISBN 9788598741260 (enc.).

BRINGHURST, Robert. **Elementos do Estilo Tipográfico.** São Paulo: Editora Cosac Naify, 2015.

DORMAEL, Jaco Van (Diretor). **Sr. Ninguém.** França: Pathé; Alemanha: Wild Bunch. Co-produção: Reino Unido, Bélgica, Canadá. 2009. 1 DVD (138 min.)

GUARALDO, Laís. A Diversidade de Processos nos Cadernos de Criação. **Anais do Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética,** X Edição, 2012

KLEON, Austin. **Roube como um artista: 10 dicas sobre a criatividade.** Rio de Janeiro: Rocco, 2013. 160 p. Tradução de Leonardo Villa-Forte.

LOTMAN, Iuri. **A Estrutura do Texto Artístico.** Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

ROMO, Sebastian. **De los Órdenes Invisibles.** Santiago de Compostela: Centro Galego de Arte Contemporânea, 2009.

SALLES, Cecília. **Gesto Inacabado: processo de criação artística.** 1ª. ed. São Paulo, Annablume, 1998.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da Criação, construção da obra de arte.** São Paulo: Horizonte, 2008.

Gabrielle Maria Ferreira

Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Bolsista de graduação pelo PROUNI. Tem formação técnica em Comunicação Visual pela ETEC Polivalente de Americana (SP). Realiza trabalho poético nas Artes Visuais em diversas linguagens, tendo como principal o desenho. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9157-0097>. Contato: gabriellefpmaria@gmail.com.